

O ministro da Agricultura pretende entregar o povo nas garras dos assambarcadores.

IMPOSSIVEL VIDA

O cinismo dos politicos e a miséria cada vez maior do povo

Enquanto os nefastos politicos se entretêm na intriga caqueira, enquanto fazem a distribuição dos lugares da paisagem de S. Bento, enquanto discutem qual o número de paiz-da-pátria lhes cabe no budo parlamentar; enquanto o governo, os revolucionários de todos os meses do calendário (outubristas, novembristas, dezembristas, etc.) e os «partidos» da república, brincam uns com os outros, às opções e aos governos, às ditaduras e à caça da governança; enquanto diversos e variadas personalidades gastam os seus cérebros e seu carisma (porque é raro) esforço a trocar episódios, perdendo uma bela ocasião de estarem calados; enquanto tudo isto se passa entre a política indigena (amadores e profissionais), «vai cada vez sendo pior a vida, vai cada vez sendo mais miserável a desesperadora existência».

Nunca a vida foi tão cara como agora!

Nunca o honrado comerciante, nunca as forças do olho vivo se sentiram tão felizes e em tanta liberdade e impudência de fazer o que querem e sobeja-lhes tempo!

Srs. politicos: riam, divertiam-se, que o honrado comércio rouba, que os patrões exploram, que o agiota especula, com a carne, com o sangue do povo, sugando-o até à última gota, até ao desespero!

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

Só no mês passado a vida devia ter encarecido mais 30%.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 933

Quarta feira, 7 de Dezembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talhade-Lisboa. Telefone 5339-c

Officinas de impressão — Rua da Alfama, 114 e 115

Os abastecimentos e a J. P. P.

O sr. Antão de Carvalho, ministro da Agricultura, capa de assambarcadores — O que nós dissemos ao sr. commissário dos abastecimentos — Como se entregaria o povo nas mãos dos exploradores

O jornalista penetrou ontem no Commissariado dos Abastecimentos, percorreu algumas secções, ouviu pedaços de frase, juntou-os, formou ideias e opiniões — e notou que a atmosfera estava um pouco carregada.

— A J. P. P.

Em seguida a estas iniciais enigmáticas ouviam-se risinhos, troças disfarçadas, frases que se começavam em alta voz e terminavam, diluam-se num segredo dito em ar de riso.

— J. P. P.

Tentámos decifrar o que as iniciais ocultavam e ao fim de várias experiências feitas no nosso íntimo, elaboradas no nosso pensamento concluímos que J. P. P. não podia ser outra coisa senão a Junta de Provisão Pública.

Sim, devia ser da tal Junta que toda a gente ria.

O jornalista teve um encontro feliz. Um amigo velho, que o puxou para um canto e lhe murmurou coisas extraordinárias. E quem passasse por nós ouvia, certamente, várias exclamações. Era o assombro do jornalista perante o que acabava de ouvir.

O commissário dos abastecimentos demorava-se e o jornalista começou a impacientar-se. Que responderia o sr. Falcão Trigo a algumas perguntas que tentávamos fazer-lhe?

O sr. Trigo não quer a redução dos armazens reguladores, antes deseja-ria vê-los mais desenvolvidos

Chegou, enfim. Cautelosamente, penetrámos no seu gabinete amplo, abafado nos nossos passos no tapete largo.

— Como está?

— Então por aqui?

— É verdade, não por ali. Raras vezes nos vemos no Commissariado. Alguns coiza de grave se passava, portanto, o sr. Falcão Trigo adivinhava no nosso rosto que nós não estávamos ali por bons, mas não queríamos provocar as suas perguntas.

— Os jornalistas da Batalha são levados do diabo.

— O tempo está frio, mas bem bonito.

— É verdade, o tempo está frio, mas bem bonito — repetimos nós, enquanto passávamos o olhar por todo o gabinete confortável.

Começámos a atirar uma ou outra frase, num tom desprezado, com cara de quem nada tem que dizer. O sr. Trigo respondia no mesmo tom.

— Sempre é verdade, sr. Trigo, que os armazens reguladores devem ser reduzidos, como declarou ao Diário de Lisboa?

O commissário dos abastecimentos: animou-se e respondeu:

— Não, eu não desejo que os armazens sejam extintos, nem reduzidos, pelo contrário, queria que eles se espalhassem profusamente por todo o país.

— Então por aqui?

— É verdade, não por ali. Raras vezes nos vemos no Commissariado. Alguns coiza de grave se passava, portanto, o sr. Falcão Trigo adivinhava no nosso rosto que nós não estávamos ali por bons, mas não queríamos provocar as suas perguntas.

— Os jornalistas da Batalha são levados do diabo.

— O tempo está frio, mas bem bonito.

— É verdade, o tempo está frio, mas bem bonito — repetimos nós, enquanto passávamos o olhar por todo o gabinete confortável.

Começámos a atirar uma ou outra frase, num tom desprezado, com cara de quem nada tem que dizer. O sr. Trigo respondia no mesmo tom.

— Sempre é verdade, sr. Trigo, que os armazens reguladores devem ser reduzidos, como declarou ao Diário de Lisboa?

O commissário dos abastecimentos: animou-se e respondeu:

— Não, eu não desejo que os armazens sejam extintos, nem reduzidos, pelo contrário, queria que eles se espalhassem profusamente por todo o país.

— Então por aqui?

— É verdade, não por ali. Raras vezes nos vemos no Commissariado. Alguns coiza de grave se passava, portanto, o sr. Falcão Trigo adivinhava no nosso rosto que nós não estávamos ali por bons, mas não queríamos provocar as suas perguntas.

— Os jornalistas da Batalha são levados do diabo.

— O tempo está frio, mas bem bonito.

— É verdade, o tempo está frio, mas bem bonito — repetimos nós, enquanto passávamos o olhar por todo o gabinete confortável.

Começámos a atirar uma ou outra frase, num tom desprezado, com cara de quem nada tem que dizer. O sr. Trigo respondia no mesmo tom.

— Sempre é verdade, sr. Trigo, que os armazens reguladores devem ser reduzidos, como declarou ao Diário de Lisboa?

O commissário dos abastecimentos: animou-se e respondeu:

— Não, eu não desejo que os armazens sejam extintos, nem reduzidos, pelo contrário, queria que eles se espalhassem profusamente por todo o país.

— Então por aqui?

— É verdade, não por ali. Raras vezes nos vemos no Commissariado. Alguns coiza de grave se passava, portanto, o sr. Falcão Trigo adivinhava no nosso rosto que nós não estávamos ali por bons, mas não queríamos provocar as suas perguntas.

— Os jornalistas da Batalha são levados do diabo.

— O tempo está frio, mas bem bonito.

— É verdade, o tempo está frio, mas bem bonito — repetimos nós, enquanto passávamos o olhar por todo o gabinete confortável.

Começámos a atirar uma ou outra frase, num tom desprezado, com cara de quem nada tem que dizer. O sr. Trigo respondia no mesmo tom.

— Sempre é verdade, sr. Trigo, que os armazens reguladores devem ser reduzidos, como declarou ao Diário de Lisboa?

O commissário dos abastecimentos: animou-se e respondeu:

— Não, eu não desejo que os armazens sejam extintos, nem reduzidos, pelo contrário, queria que eles se espalhassem profusamente por todo o país.

— Então por aqui?

— É verdade, não por ali. Raras vezes nos vemos no Commissariado. Alguns coiza de grave se passava, portanto, o sr. Falcão Trigo adivinhava no nosso rosto que nós não estávamos ali por bons, mas não queríamos provocar as suas perguntas.

— Os jornalistas da Batalha são levados do diabo.

Ainda mais: seria meu desejo que esses armazens, além de géneros, vendessem vestuário, calçado, enfim tudo quanto fosse necessário à vida. Se foi exactamente o contrário deste meu pensamento o que veio no Diário de Lisboa, foi certamente por lapso do redactor que me entrevistou.

O ministro da agricultura com um simples despacho entregou aos assambarcadores os géneros a que já não tinham direito?

Sentámos-nos, acomodámo-nos e de súbito, apesar do sr. Portela ser contrário a este processo de fazer entrevistas, disparámos-lhe:

— Que nos diz a esses escândalos de açucareiros que se murmuram para aí?

O sr. Trigo não succumbiu, apesar de termos disparado... Murmurou alguns monossílabos. Persistimos:

— Sabe que se tem saltado sobre a legislação?

— Sim, parece que sim.

— Segundo a lei 922 — fomos dizendo para provocar declarações — os géneros que não forem despachados no prazo de 15 dias, ficam de conta do Estado...

— Exactamente — confirmou o nosso entrevistado — e mais tarde os decretos 6456 e 6845 alargaram esses prazos para trinta dias...

— Pois bem — disse o jornalista — segundo informações particulares que obtivemos, o actual ministro da agricultura acaba de saltar sobre toda essa legislação, mandando entregar a várias firmas os géneros, açucar principalmente, que elas haviam deixado nos Entrepostos e ao quais, em harmonia com a lei, já não tinham direito.

O sr. Falcão Trigo ouviu-nos atentamente e disse baixinho:

— Também me constou tudo isso, mas compreendo, não tenho a certeza de que seja verdade.

O jornalista prosseguiu, parecendo que o sr. Trigo é que o entrevistava:

— Disseram-nos mais, sr. Trigo, disseram-nos que as firmas contempladas eram Jerónimo Martins & Filho, Mário Lima Neto, Antonio Caetano Ramos, Borges & Araújo, Lavado & C., Ltd., Comptoir de Comercio International Ltd., Faria & Silva, International Mercantile Company Ltd., etc...

O sr. commissário dos abastecimentos, ouviu, ouviu e ficou silencioso...

Seria lógica a substituição do commissariado por um organismo autónomo — diz-nos o sr. Falcão Trigo

Após a longa tirada, ficámos esperando durante alguns segundos as pa-

lavras do sr. Trigo. Este porém, limitava-se a brincar com uma caneta que estava sobre a sua vasta secretária.

Compreendemos, então, que o sr. Trigo estava apenas disposto a ouvir-nos, a entrevistar-nos...

— O commissariado dos abastecimentos vai ser extinto... — arriscámos...

O sr. commissário — (após um silêncio) — Parece que sim...

O jornalista — (teimando) — Querem substituí-lo pela J. P. P.?

O sr. commissário — Que vem a ser isso?

O jornalista — É a tal Junta de Provisão Pública.

O sr. commissário — Ah!

O jornalista — O sr. Trigo concorda com a extinção do Commissariado?

O sr. commissário — Concordo. (Houve um movimento de espanto da nossa parte). Concordo, desde que ele seja substituído por um organismo com mais autonomia, com menos complicações burocráticas, sem dependência dos ministérios, nem da política, com pessoal competente e bem pago.

O jornalista — E acha que a tal Junta de Provisão Pública reúne essas qualidades?

O sr. commissário (entusiasmado-se) — De maneira nenhuma. A Junta, constituída pela Cooperativa Militar, Federação das Cooperativas e Federação dos Sindicatos Agrícolas não pode desempenhar-se da missão para que foi criada.

(E bruscamente) não pode, porque não está certo que os interessados, como a Federação dos Sindicatos Agrícolas, exerçam vigilância sobre si próprios.

A Federação dos Sindicatos Agrícolas, representante das «forças vivas» a castigar-se a si própria... As cooperativas caindo ingenuamente no laço

O sr. Falcão Trigo tinha razão. Não se compreendia que a Federação dos Sindicatos Agrícolas do Centro de Portugal, organismo cuja missão é defender os interesses dos produtores, dos lavradores, fosse traír a sua missão colaborando na Junta de Provisão que, segundo o decreto que veio à público, deve reprimir os desmandos dos lavradores e intermediários. Seriam os assambarcadores castigando-se a eles mesmos.

Ora isso seria um contrassenso. Ou a Federação dos Sindicatos atirava a sua missão de defensora dos lavradores, impondo-lhes tabelas, restringindo-lhes os ganhos, ou atirava a missão da Junta, e portanto o público, favorecendo os escandalosamente lavradores e negociantes.

Esta hipótese — de assambarcadores perseguirem assambarcadores — é tão feita de lógica que podemos afirmar que a tal Junta de Provisão Pública, a formar-se, equivale a entregar o povo

mero 7783, que obriga todos os portugueses a munirem-se de uma cédula.

Resolvi protestar contra o decreto e convidar toda a organização metalúrgica do país a encetar uma persistente campanha neste sentido.

Chauffeurs em Portugal

Reuniu em assembleia geral para apresentação do novo projecto de estatutos e apreciação a circular n.º 21 da C. G. T. referente ao decreto 7783 que institui a cédula pessoal obrigatória, resolvendo protestar contra tal decreto por considerá-lo infamante e vexatório, e mais resolveu não o acatar e fazer o máximo de propaganda em tal sentido.

Empregados de Escritório

A direcção reunida anteontem, apreciou detidamente o decreto que institui a cédula pessoal obrigatória, resolvendo repudiá-la em absoluto e aconselhar a classe a que a não aceite, por representar uma medida atentatória da dignidade das classes trabalhadoras.

Sindicato Unico Mobiliário

Reuniu a Secção dos Manufactureiros de Artigos de Viagem que se ocupou da cédula pessoal, resolvendo repudiá-la esse aviltante papulecho.

Encadernadores

Reuniu a direcção do Sindicato dos encadernadores, sendo deliberado protestar contra o decreto que institui a cédula pessoal.

Na Secção da Construção Civil do Alto do Pina

Reuniu nesta secção em sessão magna as classes trabalhadoras daquele populoso bairro, para protestarem contra o infame decreto burla, que tenta reduzir mais à miséria as classes produtoras.

Nesta sessão fizeram uso da palavra vários operários que indignadamente protestaram contra a cédula pessoal obrigatória, manifestando-se a assembleia várias vezes contra tal infâmia.

Por fim foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Protestar energicamente contra o expediente vigiarista de nos impor, a cédula pessoal obrigatória.

2.º Não aceitar, custe o que custar, semelhante vexame porque nos consideramos homens livres e não cães.

3.º Esperar e acatar as resoluções da Organização Central.

4.º Estar alerta, prontos a todas as eventualidades.

de mão beijada aos lavradores e intermediários. Os que têm roubado o povo, aqueles contra quem a Junta, segundo o ministro da agricultura, foi criada, a governar essa Junta! Que ironia!

E ainda se conserva no poder um ministro que teve a pouca vergonha de provocar esta situação infame!

A Federação dos Sindicatos servir-se-ia dos créditos fornecidos pelo Estado para fazer os seus negócios

Desculpem-nos o leitor este aparte e retomemos o fio da conversa com o sr. commissário dos abastecimentos.

O sr. commissário — dissemos — a Federação das Cooperativas também faz parte da Junta. Não poderá esta obter a qualquer influência da Federação dos Sindicatos Agrícolas?

— Creio que não, e a razão é simples. A Federação dos Sindicatos é que tem todo o poder financeiro e de resto as Cooperativas teriam apenas a missão de distribuir os géneros que os Sindicatos forneceriam...

Não foi preciso que o sr. Trigo avançasse mais no assunto para compreendermos até onde os lavradores protegidos pela sua Federação e pela Junta poderiam levar as suas especulações.

— Como a Federação dos Sindicatos — dissemos — é o único organismo produtor representado dentro da Junta, ela estabelecerá preços a contento dos federados; regulará a importação dos géneros de forma a não estabelecer concorrência aos produtores portugueses, nem a obrigá-los a baixar os seus preços.

O sr. Trigo ouvia o nosso arrazoado e não respondia. Nós prosseguimos: — O Estado, segundo o decreto que estabelecerá a Junta, fornecerá créditos às Federações, mediante caução, mas como só a dos Sindicatos poderia pagar essas cações, ela obterá créditos com que melhor faria o jogo dos assambarcadores, com que faria os seus negócios.

O sr. commissário ouvia e não respondia. Compreendíamos aquele silêncio e respeitávamo-lo.

— Assim, o Estado, fingindo que cria um organismo defensor do público, facilitaria as manobras dos que nos exploram, e a Federação das Cooperativas, de olhos fechados, perfeitamente cega, a deixar-se enganar ingenuamente. E a Federação das Cooperativas iria distribuir ao público os géneros, pelo preço que os assambarcadores quizessem!

O sr. commissário ouviu, ouviu e não respondeu. O jornalista teve a impressão de que o sr. Trigo concordava plenamente com as suas palavras. Falámos ainda por muito tempo e o sr. commissário dos abastecimentos ouviu, ouviu e ficou silencioso...

Secção da Construção Civil do Beato e Olivais

Como foi anunciado, reuniu esta secção em sessão de protesto contra a cédula pessoal, estando presentes como delegados da Federação, os camaradas Alexandre Assis, Francisco Carmelo e Abílio de Macedo, que disseram sobre a forma despolítica como o governo pretende impor a cédula pessoal.

Falaram ainda várias camaradas sobre o mesmo assunto, sendo encerrada a sessão no meio de grande entusiasmo.

Secção da Construção Civil da Charneca

Reuniu esta Secção para protestar contra o decreto que impõe a cédula pessoal.

Com a sala repleta, tomou a presidência o camarada Rui de Figueiredo, que deu a palavra aos camaradas Antonio Henriques e Alvaro dos Santos, que explicaram à assembleia o que de vexatório continha esse decreto, exprimindo-se em considerações sobre o mesmo assunto.

Os rurais de Evora

EVORA, 6. — T. — A Federação dos Trabalhadores Rurais, reunida em conselho protestou energicamente contra a cédula pessoal obrigatória. — José V. tal, secretário.

Na Ukrania

Liquidação completa dos bandos de Pétliura na Ukrania

Segundo notícias recebidas de Viena, os bandos de Pétliura que invadiram a Ukrania, foram completamente dispersos próximo de Malinovo nos arredores da cidade de Korostene.

200 bandos foram mortos e 517 ficaram prisioneiros.

A República soviética da Ukrania exigiu do governo polaco a extradição de todas as pessoas que promovem estas incursões, bem como uma indemnização para todos os prejuízos sofridos pela população ucraniana na última incursão.

O momento internacional

NOSSOS ESTADOS-UNIDOS

Um novo crime da justiça capitalista

Foi condenado a 14 anos de penitenciaría, no tribunal de Sacramento, Califórnia, o jovem operário Ramon L. Sanchez, unicamente por se comprovar que pertencia à organização sindical revolucionária dos Trabalhadores Industriais do Mundo.

Apesar de se tratar duma condenação monstruosa, todavia, não nos deve causar surpresa alguma, pois que foi a justiça de Califórnia — absolutamente convencida da sua inocência — que condenou a trabalhos forçados por toda a vida Tom Mooney e Warren Billings, e que condenou Ricardo Ford e Hermano Behr a prisão perpétua, somente por terem aconselhado outros operários a fazerem greve.

NA BAVIERA

Os presos políticos maltratados

O tratamento infligido aos presos políticos na Baviera tem levantado ultimamente grandes protestos, tendo o Reichstag nomeado uma comissão parlamentar para fazer um inquérito em todos os cárceres bávaros.

A Dieta da Baviera protestou contra esta resolução do governo de Berlim, dizendo que era uma nova violação da sua soberania, e por isso parece que um novo conflito vai rebentar entre o governo bávaro e o governo central da Alemanha.

NA AUSTRIA

A inauguração do congresso do partido socialista

Inaugurou-se em Viena o congresso do partido socialista da Austria, tendo pronunciado o primeiro discurso o presidente Seitz, que recordando os últimos acontecimentos políticos, afirmou

que o proletariado austriaco pela sua acção energética tinha sabido conservar todas as posições conquistadas pela revolução.

«O proletariado austriaco», disse ele, defendeu a civilização ocidental e a liberdade republicana contra as hordas sanguinárias da reacção magiar dirigida pelos ditadores da Hungria».

Terminou por saudar a memória dos militantes republicanos que caíram no Burgenland, sob as balas dos nacionalistas húngaros.

Leder, socialista do Burgenland, exprimiu a alegria de que se achavam expulsos os habitantes daquela região, por se terem libertado da tirania de Horthy, o presidente do governo da Hungria.

NA BELGICA

Uma convocação da Internacional «amarela»

A comissão executiva da Segunda Internacional, reunida em Bruxelas sob a presidência do socialista-traidor Vandervelde, decidiu convocar para uma conferência socialista internacional todas

A Abogaria da Câmara

Quizeram meter-nos os de-
dos pelos olhos, mas
não conseguiram

Estiveram nesta redacção, An-
tonio Domingos, José Antonio, e
José de Almeida Ramos, que dis-
seram representar o pessoal da
Abogaria, e regas, que trabalha na
Abogaria.

Afirmam que, ao contrario do
que neste jornal se disse, a Ab-
ogaria se encontra em estado
higienico não existindo promiscui-
dade do pessoal com o gado. Mais
dizem que as cavalarias são con-
stantemente lavadas.

Ora nós sabemos que tudo isso
é redondamente falso.

Nenhuma razão existe para des-
mentirmos o que neste jornal se
afirmou. E não vamos desmentir
aquilo que sabemos ser verdade,
para sermos agradáveis aos três
defensores da veracidade. A eles,
mesmo, pedimos que não mais
aquí voltem, visto não serem do
nosso agrado visitas de mistifica-
dores, e nem estamos dispostos a
sermos vítimas de mistificações.

Seara Nova

Recebeamos o numero 4 desta revista
que se apresenta com melhor aspecto
gráfico.

Inserir variada e brilhante colabora-
ção de Jaime Cortesão, Aquilino Ribei-
ro, Câmara Reis, Emilio Costa, Augusto
Casimiro, R. Proença e Ezequiel de
Campos.

Uma imoralidade

Escreve-nos o sr. Edmundo de Olivei-
ra contando-nos haver nos Bairros
Sociais um individuo, conhecido auto-
rmente, que sendo escrivão do
mesmo bairro, exerce ao mesmo
tempo as funções de administrador do
concelho de Almada e fiscal de corti-
ças no Barreiro.

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Tarifa de operações aduaneiras

No dia 15 do corrente entra em vi-
gor a nova tarifa de operações aduaneiras
em Badajoz, Elvas e Marvão, com
que a Companhia dos Caminhos de
Ferro Portuguezes se propõe substituir
a tarifa que vigora actualmente e que
data de 1902.

Além de algumas modificações ten-
dentes a simplifica-la, a nova tarifa es-
tabelece os preços que os agentes da
Companhia naquelas fronteiras ficam au-
torizados a cobrar pelos despachos que
efectuam, quer de Portugal para Espanha,
quer de Espanha para Portugal.

Esta nova tarifa está isenta da sobre-
taxa de 200,00 que a Companhia per-
cebe de público em todas as suas cobran-
ças.

No Extremo Oriente

Realizou-se em Moscú uma
reunião mostra de operários ja-
poneses, chineses e coreanos resi-
dentes nesta cidade.

Os oradores dos diversos países
exortaram os trabalhadores a uni-
rem-se numa luta comum contra
os ataques do imperialismo inter-
nacional, tendo a assembleia apro-
vado uma resolução neste sentido
unanimemente.

SOLIDARIEDADE

Realiza-se na próxima quinta-feira, 15
do corrente, no Grupo Dramático Soli-
dariedade Operária, rua do Sol da
Catarina, 41, a festa em benefício do
camarada Félix Fernandes, festa que
tinha de realizar-se na secção de Belém
e que por motivos imprevistos se não efec-
tuou.

A respectiva comissão prevê este
acto os sindicatos e camaradas que fi-
zaram com bilhetes para o benefício.

O programa deve ser brevemente pu-
blicado.

EM ALJUSTREL

Abate a mina ficando soter-
rados todos os operários

ALJUSTREL, 5.-C.- Confirmando
o que há dias dissemos, deu-se o pre-
visto desastre do desabamento da mina,
do qual foram vítimas os camaradas
Antonio Capeta e Manuel Belchior.

Aquele, devido à gravidade do ferimen-
to, pois que esmagou um pé, foi en-
viado para Lisboa ficando internado no
hospital de S. José e o segundo quebrou
suas costelas, já se tem pedido para
que venha aqui um engenheiro do go-
verno para visitar a mina, que está
na iminência de novos desastres, mas é
aradar no deserto.

Professorado primário

Um grupo de professores da capital,
escolheu convocar uma assembleia geral
do Grémio de Lisboa, para serem apre-
sentados vários assuntos, entre elles,
o aumento da subvencção diferencial e o
secreto acerca da fiscalização do ensino.

A reunião realizou-se amanhã pelas 11
horas na rua Eugénio de S. antes.

Não inutilizais A BATALHA
envia-a aos vossos amigos, pa-
rentes ou conhecidos.

Podeis fazer, talvez mil
antes.

TEATRO SÃO LUÍS

Companhia de operários
de qual faz parte a actriz
AUSÉNDIA D'OLIVEIRA

A célebre operária italiana
em 5 actos, de Regio, tradução de
Rodolfo Antunes,
musica de A. Casana

JARDIM D'ASPAZIN

Deslumbrantes scenários - Luxuosa
guarda-roupa - Linda musica
- Artística encenação - Bri-
lhantes efeitos de luz - Ma-
gnifico desempenho

Congresso Municipalista

Sob a presidência do sr. Ramos da
Costa, vice-presidente da Junta Geral
em exercicio, visto o sr. Costa Gomes
se encontrar licenciado desde 9 de No-
vembro p. p., reuniu ontem nos Paços
do Concelho a Comissão Organizadora
do Congresso Municipalista, que se
ocupa do expediente, que constava da
adesão de muitas câmaras do país, in-
dicando os seus representantes e as teses
que tencionam defender no próximo Con-
gresso, comunicação do sr. Costa Gome-
s pondo à disposição da Comissão o
seu trabalho sobre as teses que lhe
foram distribuídas para relatar: «Fede-
ração dos concelhos no distrito. - Re-
forma do Código Administrativo (na
parte respeitante a administradores de
concelho). - Arborização das estradas
vicinaes, municipais e distritais».

Resolveu-se officiar novamente à câ-
mara, que ainda não responderam,
instando para que nomeem os seus re-
presentantes afim de lhes ser enviado o
respectivo bilhete de congressista; soli-
citar dos caminhos de ferro do Estado
e das companhias particulares redução
no preço das passagens, mediante a
apresentação do bilhete de congressis-
ta, cujos modelos serão enviados ás
respectivas direcções.

Resolveu-se mais, que, visto encon-
trar-se ainda ausente de Lisboa o sr.
Sousa Rocha, presidente da sub-comis-
são Executiva do Congresso, o sr.
Eduardo Moreira, vice-presidente,
assumisse a presidência da sub-comis-
são.

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

Este sr. pretendia receber o vencimen-
to de novembro pelos Bairros, on-
de não pôde os pés há longo tempo.

Fez-nos, que o representante do
Conselho Superior de Finanças junto da
administração daqueles Bairros, não
poussou nesse escândalo, não sancio-
nando o pagamento.

Valha-nos esse rasgo de justiça...

A exportação vinícola

Foi ontem assinado um ar-
ranjo provisório entre
os governos alemão e
português

Foi ontem assinado, no ministério dos
negócios estrangeiros, um arranjo pro-
visório entre a Alemanha e Portugal. A
resposta do ministro dos estrangeiros
ao ministro da Alemanha é do seguinte
teor:

«O Ministro dos Negócios Estrangeiros
tem a honra de comunicar a Sua
Ex.ª o Ministro da Alemanha, em res-
posta à sua Nota datada de hoje, que o
Governo da República Portuguesa, re-
cebeu a autorização do Governo Alemão
de importar durante um ano 50.000
hectolitros de vinhos generosos sendo
40.000 hectolitros de vinho do Porto e
10.000 hectolitros de vinho da Madeira,
e nos anos seguintes uma quantidade
anual inferior a 30.000 hectolitros
anuais, na mesma proporção para os
vinhos do Porto e da Madeira, concederá
à Alemanha durante o mesmo período
o tratamento da nação mais favorecida
que consiste actualmente na tarifa mi-
nima em vigor ou que venha a vigorar.

O governo alemão não invocará a
cláusula de nação mais favorecida para
reclamar os favores actualmente con-
cedidos ou que Portugal possa conceder
ulteriormente à Espanha e ao Brasil
para facilitar o seu comércio com estes
dois países.

Fica entendido que, no caso de Por-
tugal vir a conceder a algum país, que
não seja a Espanha ou o Brasil, a dis-
pensa do pagamento em ouro de parte
ou totalidade dos direitos aduaneiros,
a isenção de qualquer sobretaxa,
serão aplicáveis à Alemanha, na vigên-
cia deste acordo, os favores concedidos.

As mercadorias alemãs não serão sub-
metidas a nenhuma sobretaxa especial.
Este acordo entra imediatamente em
vigor, é válido por um ano e considera-
se prorrogado por iguais períodos dum
ano se um dos dois Governos o não de-
nunciar com quatro meses de anteci-
pação ficando cada Governo obrigado a
cumprir as disposições do presente
acordo até ao fim do ano em que deixe
de vigorar.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

Na 1.ª parte, tocar-se há a abertura
do Carnaval Romano, de Berlioz; uma
Serenata, de Moszkowsky; a Iberia, de
Debussy; na 2.ª parte, a Sinfonia n.º 4,
de Glazounoff e na 3.ª parte, Nas Stepps
da Ásia Central, de Borodine; um
Minueto, de Foa, e a Rapsódia Hungara,
de Liszt.

A BATALHA

Edição
Teatro
Empresa H. Barreiros Lda

Foi ontem assinado um ar-
ranjo provisório entre
os governos alemão e
português

Foi ontem assinado, no ministério dos
negócios estrangeiros, um arranjo pro-
visório entre a Alemanha e Portugal. A
resposta do ministro dos estrangeiros
ao ministro da Alemanha é do seguinte
teor:

«O Ministro dos Negócios Estrangeiros
tem a honra de comunicar a Sua
Ex.ª o Ministro da Alemanha, em res-
posta à sua Nota datada de hoje, que o
Governo da República Portuguesa, re-
cebeu a autorização do Governo Alemão
de importar durante um ano 50.000
hectolitros de vinhos generosos sendo
40.000 hectolitros de vinho do Porto e
10.000 hectolitros de vinho da Madeira,
e nos anos seguintes uma quantidade
anual inferior a 30.000 hectolitros
anuais, na mesma proporção para os
vinhos do Porto e da Madeira, concederá
à Alemanha durante o mesmo período
o tratamento da nação mais favorecida
que consiste actualmente na tarifa mi-
nima em vigor ou que venha a vigorar.

O governo alemão não invocará a
cláusula de nação mais favorecida para
reclamar os favores actualmente con-
cedidos ou que Portugal possa conceder
ulteriormente à Espanha e ao Brasil
para facilitar o seu comércio com estes
dois países.

Fica entendido que, no caso de Por-
tugal vir a conceder a algum país, que
não seja a

(Sociedade Cooperativa, Ld.^a)
Travessa dos Inglesinhos, 3, ☎
TELEFONE C. 884

[illegible]

